

Buchicho



O buchicho começou correndo solto e, neste número de estreia, apresenta-se em peças soltas e barulhentas. A ideia foi simples e, ao mesmo tempo, desafiadora: 7 membros (um de cada seção), + 1, escreveram, em poucas linhas, algo a partir de um recorte e dos barulhos da língua. O desafio está na operação de redução: produzir um texto que seja condensação de uma experiência, deixando entrever algo do real que se toca em cada uma. Boa leitura!

Wilker França (EBP/AMP) e Isabel do Rego Barros Duarte (EBP/AMP)

Barulhos da língua: psicose

Rômulo Ferreira da Silva (EBP/AMP)

O enxame de S Uns, enxame que zumbe e que garante a copulação do sujeito com o saber, é a ordem significativa que se instaura por se articular ao S2. Por essa via a lalíngua interrogada como linguagem, faz subsistir a cadeia.

ZUMBE

Isso que remete ao texto A Negativa de Freud, no qual ele esclarece que os objetos, ou palavras, que são introjetados, quando não são submetidos a um juízo de atribuição, seguem soltos e penetram nos corpos sem mediação. Trata-se, por exemplo, do barulho infernal das vozes que comentam, repreendem e recriminam. Esse inferno pode encontrar alguma paz quando o falasser, mesmo já tendo se perdido no tempo de engajamento da lalíngua em um discurso, busca um S2 na tentativa de remanejar e “normar” sua experiência de liberdade. Assim, advém o delírio e a possibilidade de melhor aproximação do sentimento de vida.

Barulhos da língua: adolescência

Cristiane Barreto (EBP/AMP)

Um barulhinho bom?

Adolescentes são um tanto barulhentos, sobretudo por amplificarem o ruído que a sexualidade traz: o da inexistência da relação sexual. O que fazer com os pares, que rumo dar à vida, como habitar o corpo para estar no mundo? Como silenciar o barulho do silêncio das pulsões? A adolescência é um sintoma construído a partir do chamado

BARULHENTO

do real da puberdade, que promove despertar – o despertar da sexualidade, que andava sonolenta. A sexualidade faz furo no real e ninguém escapa ileso. As versões do traumatismo na adolescência situam o embaraço do encontro com o sexo em lalíngua. Marcas indelévels dos estrondos ou ruído que arranha o corpo. A puberdade brada por nova amarração. Entre atos e feitos, os adolescentes contemporâneos sofrem também do tédio, que não é ausência do desejo, mas desejo de se distrair. É preciso dar ouvidos a eles.

Barulhos da língua: cinema

Ruskaya Maia (EBP/AMP)



É no primeiro flashback que a casa ganha vida: crianças fazendo e escutando barulhos. Uma criança escutando muito o barulho, presença insistente que ocupa, perturba, excede. Entre o que se conta e o que ressoa, o melodrama tece seu valor sentimental, mas o barulho fura a trama. Nora tenta abafá-lo com o travessero; ao se virar, se depara com uma considerável rachadura na parede. Num maravilhoso trabalho de redução, vamos da barafunda semblântica, trovoadas e raios, à uma imagem que é puro silêncio, buraco negro, Letra. O menino para e olha para a mãe por um instante – algo está errado, ele não entende. no saber impossível de colmatar, que levará Gustav a passar a vida forjando respostas, verdades mentirosas, para depois, quem sabe, conseguir abrir mão da pergunta. Deixá-la cair.

Barulhos da língua: infância

Jussara Jovita Souza da Rosa (EBP/AMP)

O sintoma da criança responde ao que há de sintomático na estrutura familiar. Em outro momento do ensino de Lacan, o sintoma é concebido como algo que provém do real. A partir desses deslocamentos, propõe-se que o sintoma se situe na mesma ordem da Letra: algo que insiste em se escrever e que permanece, em parte, por decifrar. Seguindo essa perspectiva, a

Letra

ênfase está na relação com a lalíngua, e não com os personagens familiares. Extraio do nosso argumento: que usos se pode fazer do que deixa marcas? A clínica que usos se pode fazer do que foi escrito e rasurado para ficar ilegível. O real é o que dirige a interpretação. O A-não-se-ler nos diz de sustentar o furo para que o desejo advenha, furo em que passem fios que a criança possa construir sua ficção na língua barulhenta em que se enredou. Sua relação de saber-fazer com os objetos muito ensina à clínica em geral.



JST

Barulhos da língua: autismo

Anamaria Vasconcelos (EBP/AMP)

O autista se apresenta como exemplo princípio da relação de alíngua com o gozo opaco do Um, pois evidencia um gozo que não implica sentido, mas sim uma

ressonância

sonora que escapa ao sistema e à significação. A clínica do autismo revela um simbólico sem sistema, onde alíngua se mostra a céu aberto, livre de estrutura, e a ressonância sonora — o ronroneio — se destaca como manifestação fundamental. Essa substância sonora da alíngua, com suas homofonias, assonâncias e onomatopeias, aproxima-se do gozo sonoro do autista, evidenciando uma experiência singular que não se organiza em torno de oposições ou sentido, mas sim do puro barulho.



BARULHOS DA LÍNGUA: TOXICOMANIA

PABLO SAUCE (EBP/AMP)

L, 43, ASSISTENTE SOCIAL, ABUSADA SEXUALMENTE PELO PAI NA INFÂNCIA, ENCONTRA O ANALISTA EM UMA INTERNAÇÃO PSIQUIÁTRICA POR ABUSO DE ALCÓOL SOFRE AGRESSÃO E GRAVES ACIDENTES APÓS DESCOBRIR QUE O MARIDO ABUSAVA DE SUA FILHA. TEM CRISES DE AGITAÇÃO, QUEBRA MÓVEIS E SOFRE CONTENÇÃO MECÂNICA VÁRIAS VEZES. EM TOM VOCIFERANTE, DIZ: “QUERO VER QUEM É O

VOZ

HOMEM QUE VAI ME SEGURAR!” ATÉ DEPARAR-SE COM A DO ANALISTA QUE EM TOM BAIXO, DE FORMA SUAVE SITAR, O PEDIDO DE UMA LICENÇA PARA BEBER “SÓ UMA GARrafa DE VINHO.” L, SUPRESA, RESPONDE: “COMO VOCÊ PODE SER PSICÓLOGO E CUIDAR DE OUTRAS PESSOAS? VOCÊ PARECE TÃO FRÁGIL!“. O ANALISTA SORRI. A PARTIR DESSA INTERVENÇÃO L PASSA A FICAR DÓCIL E MOSTRAR SUA FRAGILIDADE. CHAMA O ANALISTA DE “MEU MENTOR”, SEGUE NO CONSULTÓRIO APÓS A ALTA, PARA DE BEBER E RETOMA SUA VIDA FAMILIAR E PROFISSIONAL



Barulhos da língua: literatura

Maricia Ciscato (EBP/AMP)

Quantas vozes cabem entre uma capa e uma contracapa? Como ouvimos os barulhos da língua na literatura? Fico pensando que uma literatura que ressoa não é exatamente a de um autor genial. Ou melhor, um autor genial não é exatamente aquele que escreve muito bem, mas aquele que, com seu estilo, permite ressoar o barulho de mil vozes e marcas. É aquele que consente depositar sobre a página em branco, mesmo nas letras cadenciadas, uma

Poli fonia

muito maior que a própria voz, fazendo pulsar épocas. Nesse sentido, não apenas em um Finnegans Wake ou em um Catatau encontramos lalíngua. Mesmo o romance mais cheio de enredos, quando maior que o autor, se preenche as palavras, nos vê pararmos por uns instantes no espaço em branco arranjam pela página, vamos escutar, um zumzum, um romrom, um tumtum, mexendo com nosso corpo. Um som inenarrável. Mas presente que só.



BARULHOS DA LÍNGUA: RUÍDOS DO PASSE

ONDINA MACHADO - (EBP/AMP)

A NEUROSE É BARULHENTA. ELA É FEITA DE SINTOMAS, QUEIXAS, DEMANDAS. MAS DE QUE É FEITO O FINAL DE UMA ANÁLISE? A PRINCÍPIO DIRIA QUE DE RUÍDOS, AQUELES TROÇOS DE REAL QUE FORAM SE DEPOSITANDO E QUE POR UM ATO, UM

ZÁS TRÁS

CAI DA CADEIA SIGNIFICANTE E, POR ESTAR LIVRE DESSE ENCADEAMENTO, PODE INVENTAR UM NOME NADA A VER QUE TEM TUDO A VER. E O PASSE, O QUE É O PASSE NESTA CARTELA DE SONS? NESSE CASO HÁ DOIS ASPECTOS. O PRIMEIRO DELES É O PASSE COMO UM SUSSURRO, UM SOM NÃO-TODO SENTIDO QUE ESGOTA A ANÁLISE, UMA ESPÉCIE DE “JÁ DEU”, “SE PICA”. MAS, POR SER UM DISPOSITIVO CENTRAL DA POLÍTICA INSTITUCIONAL, ACABA TENDO REVERBERAÇÕES BEM BARULHENTAS. UM BARULHO SINGULAR, DERIVADO DE POSSÍVEIS QUESTIONAMENTOS TEÓRICOS, SENDO, NO ENTANTO, AGALMÁTICO, SUSSURRADO AO PÉ DO OUVIDO DE CADA UM.

Equipe do Boletim “Buchicho” do XXVI EBCP
Isabel do Rêgo Barros Duarte e Wilker França (coord.): Andressa Luz, Henrique Lopes, Isabela Machado, Leila Mignac, Marina Frago, Michelle Sena e Priscila de Sá Santos.

